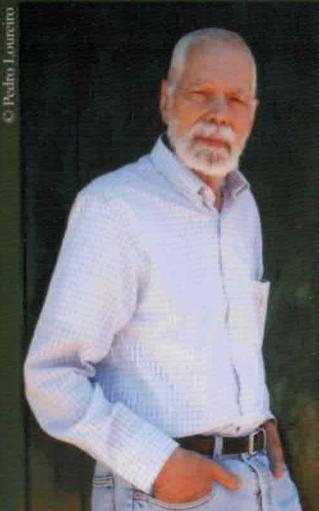


JOSÉ MATTOSO



D. AFONSO HENRIQUES

© Pedro Loureiro



José Mattoso nasceu em 1933. Historiador especializado na história das ordens religiosas e da aristocracia nos séculos x a XIII. Autor da obra *Identificação de um País* (1985), de estudos medievais, entre os quais *A Nobreza Medieval Portuguesa* (1982), *O Reino dos Mortos na Idade Média* (1996) e *Naquele Tempo* (2009). Alguns destes estudos foram reunidos nas suas *Obras Completas*, editadas pelo Círculo de Leitores. Dirigiu várias obras colectivas (*História de Portugal*, 1993-1994; *História da Vida Privada em Portugal*, 2010-2011; *Património de Origem Portuguesa no Mundo*, 2010). Recebeu o Prémio Alfredo Pimenta em 1985 e o Prémio Pessoa em 1987. Foi diretor da Torre do Tombo entre 1996 e 1998. Entre 2000 e 2005 colaborou com o Arquivo Mário Soares na recuperação dos arquivos de Timor-Leste, o que lhe permitiu escrever o livro *A Dignidade. Konis Santana e a Resistência Timorense* (2005). Em 2012, publicou *Levantar o Céu – Os Labirintos da Sabedoria* e, em 2020, *A História Contemplativa*. Foi distinguido com o Prémio Árvore da Vida – Padre Manuel Antunes em 2019.

José Mattoso

D. AFONSO HENRIQUES

DA D

... que o rei de Portugal
... que o rei de Portugal
... que o rei de Portugal



... que o rei de Portugal
... que o rei de Portugal

... que o rei de Portugal
... que o rei de Portugal
... que o rei de Portugal

... que o rei de Portugal



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

DIRECÇÃO:
ROBERTO CARNEIRO

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA:
ARTUR TEODORO DE MATOS
JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA

Em colaboração com
o Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa
da Universidade Católica Portuguesa

ISBN 978-989-644-716-8



9 789896 447168

DESIGN DE CAPA:
Bertrand Editora
DESIGN GRÁFICO:
Fernando Rochinha Diogo
REVISÃO TIPOGRÁFICA:
Fotocompográfica, Lda.
COMPOSIÇÃO:
Fotocompográfica, Lda.
FOTOMECÂNICA:
Fotocompográfica, Lda.
EXECUÇÃO GRÁFICA:
Bloco Gráfico
Unidade Industrial da Maia

© Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos
e Culturas de Expressão Portuguesa
© Temas e Debates

Temas e Debates é uma chancela da Bertrand Editora, Lda.

1.ª edição: Outubro de 2007
2.ª edição: Novembro de 2021

*Em memória de
Luís Krus*

Sumário

Introdução

Capítulo 1. A juventude de um predestinado

Lugares e tradições

O quadro familiar: o avô

O pai

A mãe

A conjuntura política e religiosa

Afonso Raimundes

O Aio

Alterações do cenário político

Portugal e a Galiza

Assédio muçulmano a Coimbra

Braga e Compostela

Os Travas

Afonso Henriques

O ambiente eclesiástico em 1120

Capítulo 2. Responsabilidades políticas

A aristocracia nortenha e os condes galegos

A investidura de Afonso Henriques como cavaleiro

O novo rei de Leão e Castela

O cerco de Guimarães

Revolta e tomada do poder

Introdução	13
Capítulo 1. A juventude de um predestinado	25
Lugares e tradições	25
O quadro familiar: o avô	27
O pai	28
A mãe	29
A conjuntura política e religiosa	30
Afonso Raimundes	34
O Aio	35
Alterações do cenário político	38
Portugal e a Galiza	39
Assédio muçulmano a Coimbra	41
Braga e Compostela	42
Os Travas	44
Afonso Henriques	46
O ambiente eclesiástico em 1120	47
Capítulo 2. Responsabilidades políticas	51
A aristocracia nortenha e os condes galegos	51
A investidura de Afonso Henriques como cavaleiro	54
O novo rei de Leão e Castela	57
O cerco de Guimarães	58
Revolta e tomada do poder	61
Total	63

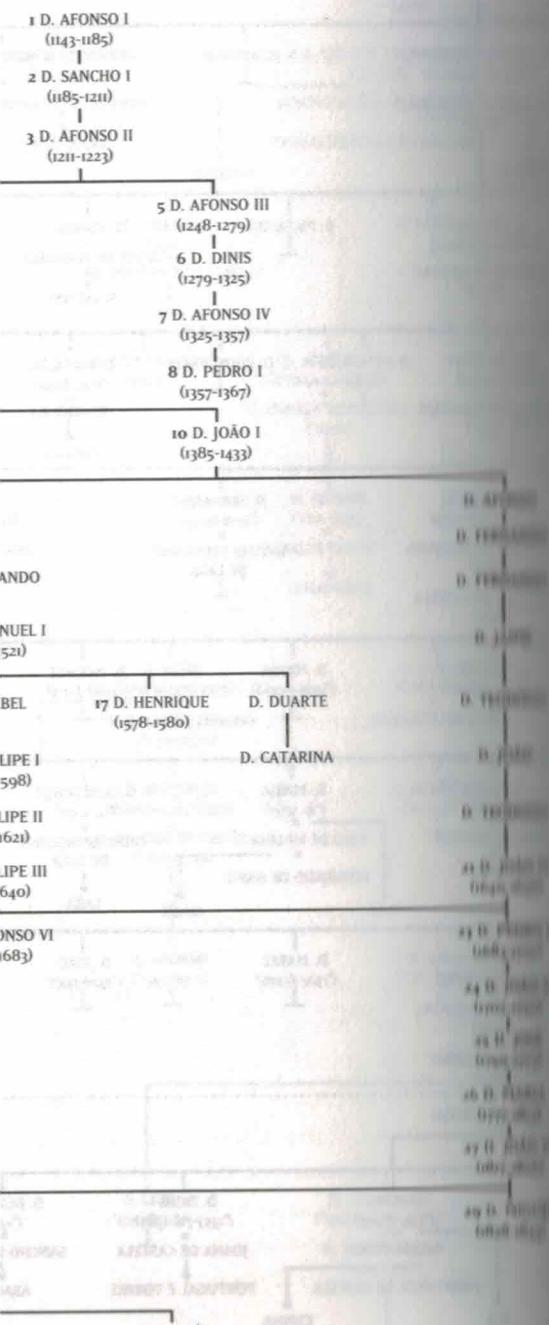
a	actores da cidadania	331
	aristocracia	334
	baixas classes	336
o militar	cais estatuto da cidadania	336
or	classe	336
	luta de classes	339
	classe de cidadãos	341
	cidadão e a liberdade	344
	cidadão europeu	346
	classe social	348
	classe social figuração da classe	348
	original da cidadania	352
	identidade europeia	353
	comunicação	355
ncho	social como europeia	357
	classe europeia	357
	359	
	projeto de vida	363
	personal	363
	social-europeia	363
	comunicação europeia	366
	comunicação	368
	identidade	372
	identidade europeia	373
	comunicação	373
	comunicação e comunicação	377
	identidade europeia no espaço	379
	projeto de vida	383
	projeto de vida	388
	identidade europeia	389
	espaço europeu	389
	identidade europeia O. E. C. olha	395

de Portugal, que se tornaram os trechos mais interessantes das considerações de Ruy Coimbra. De resto, é fundamental destacar o debate sobre a natureza original da cidadania europeia para qual respondeu Ruy Coimbra, que considerou a cidadania europeia uma entidade comunitária, que não era a soma das cidades europeias, mas sim uma entidade comunitária que tinha uma identidade própria, que era a cidadania europeia. Neste debate, Ruy Coimbra defendeu a cidadania europeia como uma entidade comunitária, que não era a soma das cidades europeias, mas sim uma entidade comunitária que tinha uma identidade própria, que era a cidadania europeia.

Introdução

Não é preciso ser historiador profissional para perceber que não se pode traçar a biografia de uma personagem medieval sem uma grande dose de imaginação. Os dados documentais são quase sempre escassos e fragmentários. As informações fornecidas pelos textos narrativos encontram-se em autores que não se interessavam pelo comportamento pessoal dos seus protagonistas, mas pelo que eles representavam como símbolos de virtudes ou de vícios, como actores exemplares na luta entre o bem e o mal, como colaboradores de Deus na obra da salvação da humanidade, ou como seduzidos pelo demónio na sua cedência ao pecado. As acções dos santos tinham de ser sempre edificantes e miraculosas; as dos reis, sempre justas e heróicas; as dos súbditos, sempre esforçadas e obedientes. Por isso, os historiadores medievais não hesitavam em alterar a narrativa dos acontecimentos para melhor atingirem os seus objectivos. Manter a hierarquia dos valores, e, por isso, louvar ou censurar, era mais importante do que relatar o acontecido.

Não se pode, portanto, praticar história narrativa medieval sem reflectir sobre a própria legitimidade de tal projecto, sobretudo para os primeiros séculos da Idade Média portuguesa, e sem, depois, definir os problemas metodológicos decorrentes do tipo de documentação disponível. De facto, Paul Ricoeur considera a história narrativa como aquela que permite a compreensão do passado por intermédio do encadeamento dos factos essenciais. Mas este encadeamento só explica alguma coisa quando é rigoroso, objectivo e completo. Se tal grau de informação se pode alcançar sem dificuldades de maior para a história moderna, não é possível dizer o mesmo para a medieval, e sobretudo para a da Alta Idade Média. Como resolver esta dificuldade? Não nos induz a procurar coisas impos-



Bibliografia

Mela

- DC — *Portugaliae monumenta historica... Diplomata et chartae*, Lisboa, Academia das Ciências, 1867 e segs.

DP — *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Particulares*, ed. de Rui P. de Azevedo, vol. III, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1940; vol. IV, Lisboa, *ibid.*, 1980.

DP — *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*, ed. de Rui P. de Azevedo, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1958-1962.

DP — *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*, ed. de Rui P. de Azevedo, Avelino de J. da Costa e Marcelino Pereira, Coimbra, 1979.

Lante

- Crónicas e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, ed. António Cruz, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1968.

ales D. Alfonsi — ver BLÖCKER-WALTER, 1966.

onales Portucalenses veteres, ed. Pierre DAVID, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI au XII siècle*, Lisboa, 1947, pp. 291-312.

Ferrado — *Le cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó (XI^o-XIII^o siècles)*, ed. Robert Durand, Paris, Gulbenkian, 1971.

onica Adefonsi Imperatoris, ed. A. MAYA SÁNCHEZ, Turnhout, 1990 (*Corpus Christianorum, Continuatio mediaevalis*, vol. LXXI, pp. 109-267).

Os Documentos Primitivos no 1.º Centenário da Fundação de Cister, intr. e trad. Aires A. do Nascimento, Lisboa, Colibri.

onica de 1344 — *Crónica Geral de Portugal de 1344*, ed. J. F. Henriques, Coimbra,

Índice remissivo

- ABD ALLAH, Labid b., 200
Abrantes, 344, 345, 357, 358, 386
ABRANTES, marquês de, 169
Abrantes, castelo de, 342, 365, 386
ADELAIDE, D. (rainha de França), 219, 236
ADRIANO IV (papa), 283, 312, 313, 384
AERSCHOT, Arnaldo de, 241, 242
AFONSO I (rei de Aragão), 30, 31, 33, 95, 139, 140, 184, 379, 380
AFONSO II (rei de Aragão), 187, 227, 287, 290, 334, 343, 384
AFONSO II, D. (rei de Portugal), 77, 267
AFONSO III, D. (rei de Portugal), 35, 60, 77, 103, 277
AFONSO VI (rei de Leão e Castela), 27-34, 39, 44, 47, 48, 52, 56, 63, 79, 89, 96, 137, 141, 144, 148, 157, 158, 208, 231, 288, 379
AFONSO VII (rei de Leão e Castela), 36, 56, 58-60, 63, 67-69, 81, 83, 86, 93-97, 99, 101, 107, 122, 137-145, 155, 157-159, 165, 168, 172, 173, 184, 187, 190-194, 198, 205, 208, 212-214, 216, 226, 228, 236, 237, 248, 253, 254, 265, 269, 270-273, 277-279, 281, 283, 285, 286, 288-290, 292, 293, 301, 312, 326, 348, 360, 380-384. V. também *Castela*
AFONSO (grão-mestre da Ordem do Hospital, filho ilegítimo de Afonso Henriques), 228
AFONSO (arcediago), 70
AFONSO, Mendo (senhor de Refojos do Lima), 234
AFONSO, Pedro (alcaide de Abrantes), 229, 234
AFONSO, Teresa (mulher de Egas Moniz de Ribadouro, *o Aio*), 36, 227, 324
África, 158, 209, 232
África, norte de, 249
AGOSTINHO, Santo (bispo de Hipona), 115, 116, 124
Agreda, 290
Águeda, rio, 293, 294
Agiar da Beira, 99, 294
Agiar de Sousa, 51
AIRES, Pedro (senhor de Valadares), 98
AIRES, Soeiro (senhor de Valadares), 98
Aix-la-Chapelle, 241
AJARAFE, 365, 368
AL-ABBAR, Ibn, 282
Al-Andaluz, 155, 165, 198, 201-203, 212, 277, 282, 381
ALARDO (alcaide), 256
AL-‘ARIF, Ibn, 203
Alarilla, castelo de, 342
Albergaria-a-Velha, 67
ALBERTO, mestre (chanceler), 70, 71, 187, 300, 321, 331, 333, 388

Personagem oculta por inúmeras e sucessivas camadas de interpretações ideológicas, quer eruditas quer populares, a figura verídica do primeiro rei de Portugal só muito hipoteticamente se pode reconstituir nas suas dimensões históricas. O mito sobrepõe-se, teimosamente, à história, para justificar a permanência da nação que fundou e justificar a confiança que os cidadãos de todos os tempos têm posto na colectividade a que pertencem. Mas pode-se tentar descobrir como nasceram as diversas narrativas tecidas em torno da sua personalidade, examinar o sentido que tinham quando apareceram e reconstituir os sucessos de que Afonso Henriques foi protagonista principal. Se não é possível traçar-lhe o retrato preciso, pode-se, pelo menos, estudar as suas orientações políticas e administrativas, conhecer os seus principais auxiliares e justificar o êxito da sua obra. Apesar de assim desaparecer o herói sobrenatural, toma inegável relevo o seu talento político e militar e, por conseguinte, o seu direito a ser de facto considerado o rei fundador de Portugal.

Promoção

de 01/01/2022 até 31/07/2022

D. AFONSO HENRIQUE

JOSÉ MATTOSO

HISTÓRIA